

# Não ver sem ser visto. Uma reflexão sobre páginas pessoais de cegos na Internet\*

Fernanda Eugenio

O universo das *homepages*, talvez por ser de formação relativamente recente, ainda não foi amplamente tematizado pelas ciências sociais. Este artigo não pretende oferecer solução definitiva para uma tal lacuna e – se é de praxe começar pela admissão dos limites – deve-se esclarecer aqui que a escolha do tema deu-se menos pelo fato de serem *homepages* e mais por estas serem de pessoas cegas.

Entretanto, como não é incomum acontecer, a pesquisa de “campo” – e as aspas dão conta do caráter “virtual” do campo – acabou por conferir um rumo inesperado às considerações aqui apresentadas, localizando o que julgo ser a contribuição maior deste trabalho em uma (a princípio) insuspeita descoberta: a de que a escolha da internet como *invólucro* do falar de si, para aqueles cegos, nada tinha de gratuita. Atestava, ao contrário, a importância atribuída por eles à informática em suas vidas, uma importância localizada não apenas na praticidade que o recurso podia oferecer, mas também e principalmente em seu constituir-se como meio privilegiado para a vivência do letramento. E, se esta não pode ser dita inédita, posto que o braille já a permitia, é inédita a abrangência com que se dá pela via da informática e é também inédito que aconteça não através de uma ferramenta exclusiva dos cegos (o método braille), mas compartilhada com aqueles que enxergam (o computador).

É neste duplo ineditismo que reside, talvez, o caráter de *conquista* de que se reveste a entrada da informática na vida de uma pessoa cega – e isto é dito por ela mesma, em seu relato de si. Conquista ao mesmo tempo de boa dose de independência – característica por excelência do *able-bodied adult* (Hockey e James, 1993) –, de um acesso “mais democrático” à informação e também de um veículo para o registro

autobiográfico que, virtualmente (no duplo sentido da palavra) acessível a qualquer um, permitiria ao cego contar sua história não apenas para si mesmo, mas também para os outros – outros nos quais se incluem os não-cegos, os não-*informados* (Goffman, 1988). Mais: este duplo movimento do contar-se para si e do contar-se para o outro, tão importante para a construção social do *self* moderno, pode acontecer, no ambiente da internet, sem que pese sobre o sujeito, prontamente, “a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros quando em presença física imediata” (Goffman, 1995: 23). Para os cegos, tanto para qualquer outro *desacreditado social* (Goffman, 1988), uma tal invisibilidade é particularmente valiosa: parte do fardo de “não ver” dissolve-se e toma outros contornos quando também não se “é visto”. É por isso que uma tentativa de compreender o que é dito por, nos e através dos relatos *online* de pessoas cegas pode ser reveladora: trata-se de uma situação outra, potencialmente rica em significados; a situação de *não ver sem ser visto*.

A idéia inicial era tematizar o conteúdo propriamente dito dos relatos apresentados nestes *sites*, procurando refletir sobre como aqueles cegos-narradores construíam suas identidades pessoais, em meio a um complexo jogo de *atribuições e aquisições*. A questão do suporte material destas *narrativas de si* – a internet – não foi, a princípio, mais que uma fonte de estranhamento. Com efeito, pareceu-me digna de questionamento a existência deste tipo de *sites*, em que pessoas anônimas expõem suas vidas a outras igualmente anônimas – fenômeno aparentemente ainda mais inexplicável no caso das *homepages* de pessoas cegas, abrindo para desconhecidos álbuns de família que nem elas próprias podiam ver, arquivando suas memórias em um registro inacessível para elas – pelo menos da forma como é acessível aos que enxergam –, com cores, ícones, ilustrações e desenhos.

Portanto, se, a princípio, não ignorava o fato de que o suporte material destes *arquivamentos de si* (Artières, 1998) era significativo, tampouco dimensionava o quão significativo o era. Grande foi minha surpresa, porém, quando o “conteúdo” mesmo de tais relatos me informou sobre o papel – fundamental e em nada arbitrário – da internet como o suporte escolhido. Se este “conteúdo” falava, sim, sobre as marcas de atribuições e mandatos familiares, convivendo lado a lado com a ideologia da aquisição e suas implicações<sup>1</sup>, ele também falava – e muito – sobre o porquê daquele *invólucro*, sobre a utilidade da informática na vida daquelas pessoas, sobre o valor não só prático, mas também *emocional*, deste recurso para elas.

Ligadas em rede através de um sistema de elos oferecido pelo portal *Yahoo!*, o *Webring*, as cerca de vinte *homepages* que informam a presente reflexão, visitadas ao longo do segundo semestre de 2000, foram por seus próprios *autores* inscritas em tais elos. O caráter deliberado da incorporação à rede pode ser tomado como indício de que essas pessoas, se por um lado definem-se como indivíduos discretos e únicos, por outro consideram-se portadoras de algo em comum – consideram-se, nas palavras de Goffman (1988: 123), *companheiras de sofrimento*. A inscrição de uma

*homepage* nestes elos é gratuita e opcional. Mas, se não há um constrangimento explícito para aderir ao elo, há um outro, entranhado no ideário ocidental: a crença de que a cegueira enquadra-se em um conjunto de frouxa definição e fronteiras opacas, o conjunto dos *deficientes*. *Desacreditadas* por seu inalienável estigma, essas pessoas sentiriam-se compelidas a inscrever-se em um grupo, capaz de lhes prover as ferramentas necessárias à manipulação de suas identidades deterioradas (*ibid.*).

É por isso, talvez, que uma intenção similar<sup>2</sup> – para Goffman (*ibid.*), evidência de um *alinhamento intragrupal* – perpassa o discurso da maioria dos cegos-narradores, que declaram, como nas palavras de um deles, que sua *homepage* “é devotada a mudar o que significa ser cego, através da promoção do potencial humano de se ajustar com sucesso e de viver com a cegueira e a deficiência visual” (*tradução minha*). Há uma tentativa – que alguns deles crêem ser vã, mas nem por isso deixam de empreender – de superar o estigma, de denunciar seu caráter equivocado através da demonstração de que “pessoas cegas são simplesmente pessoas [que] não são exatamente como quaisquer outras, mas são outras quaisquer” (*tradução minha*).

Os relatos, diferentes que são, assemelham-se em um ponto fundamental: todos querem dar conta de que seus *autores*, com a cegueira e a despeito dela, “venceram na vida”, têm amigos, cônjuge, filhos, profissão. Encarnando a *ilusão biográfica* bourdiana (1986), estas narrativas de si relatam “histórias de sucesso”, cujos protagonistas foram capazes de “fazer limonada com os limões que a vida nos dá” (*tradução minha*), como argumenta um deles, em uma patente incorporação da ideologia da aquisição.

Nesta “arte de fazer” – a expressão é de Michel de Certeau (2000) – em que se converte o arquivar a própria vida, “fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens” (Artières, 1998: 11). Produto e força motriz deste ininterrupto “arrumar-se” (*op.cit.:10*) – em que se combinam seleção e edição na confecção da coerência e da continuidade<sup>3</sup> (Bourdieu, 1986: 69) – a intenção autobiográfica responde a uma tripla necessidade, simultaneamente de confissão, justificação e invenção de sentido (Calligaris, 1998: 43). E, conquanto pareça ser um mero processo de objetivação e sujeição à norma, traduz-se, também e principalmente, em um ato de subjetivação, de construção e mesmo de resistência, constituindo parte do que Foucault (2001) chamou de “preocupação com o eu” (Artières, 1998: 11).

Muitos são os suportes ocasionais de que se reveste este *entesouramento das memórias* (Ribeiro, 1998): documentos, fotografias, diários, cartas, coleções... uma lista potencialmente infinita que inclui – por que não? – as *homepages*. Estas, que para os “videntes” – para usar um “termo nativo” – constituem uma possibilidade entre outras<sup>4</sup> para dar vazão à imperiosa vontade de narrar-se, para os cegos – ou pelo menos, para estes cegos – convertem-se em um meio privilegiado de ingresso na cultura letrada.

Na concepção ocidental moderna, a significação é de tal maneira mediada pelo letramento que mesmo aqueles que não são alfabetizados estão mergulhados em uma cultura letrada. Fechados em seu mundo de pontinhos em relevo sobre papel, os cegos não podem nem querem ignorar que este não é o padrão social que os encompassa. A informática, neste sentido, permite-lhes incorporar o mundo da escrita como universo de vivência com uma abrangência e uma intensidade inimagináveis até então. Através de *softwares* de leitura de tela e de sintetização de voz, não mais se depende da visão para ler ou escrever *na mesma linguagem dos videntes*. E o valor não só prático mas também emocional deste novo recurso em suas vidas retira grande parte de sua significação da contribuição que faz a um outro: o da independência. É assim, por exemplo, que no *site* do *software* Dosvox, criado por um estudante de informática cego da UFRJ, credita-se o grande mérito do produto à sua capacidade de “permitir aos deficientes visuais um alto nível de independência no estudo e no trabalho”.

O sistema braile já funcionava, em grande parte, como viabilizador da experimentação do mundo letrado – seu problema, entretanto, era o de ser “tão específico que acabou por se restringir aos cegos”, como nos conta um dos “informantes”. Mas, se a informática funciona para os cegos como – nas palavras de um deles – um “vertiginoso meio de integração social”, ela tem também suas desvantagens em relação ao método braile. Um deles explica: “passamos a escutar o que antes líamos com as mãos e podíamos ir absorvendo a construção ortográfica das palavras (...) quando o computador lê um texto para um cego não diz se cego se escreve com ‘c’ ou com ‘s’”.

Tais desvantagens, entretanto, minimizam-se frente à possibilidade de ter acesso ao vasto mundo da cultura letrada, com seus jornais, revistas e livros. Sim, as notícias de jornais antes poderiam ser escutadas (e ainda o podem) pelo rádio ou pela televisão; sim, muitos livros estão transcritos para o braile ou para fitas-cassete, ou mesmo poderiam ser lidos com o auxílio de “letores” – o “termo nativo” para os voluntários que se dispõem a ler para aqueles que não enxergam. Mas permanecia o acesso mutilado às informações, ou a dependência em relação a terceiros: “eu não lia quando eu tinha vontade de ler e sim quando as pessoas tinham disponibilidade de ler pra mim”. O computador, como o braile, viabiliza a leitura e a escrita independentes, mas teria a vantagem adicional – e preciosa – de permitir que isto seja feito utilizando os mesmos recursos dos videntes e não ferramentas específicas para cegos. Poder usar o computador, afirma mais um deles, permitiria “a aproximação das pessoas com deficiência dos patamares de competitividade e produtividade exigidos pelas sociedades modernas”.

Seria ingenuidade afirmar que este recurso soluciona todos os problemas de pessoas cegas – e isto não somente porque, mesmo sendo o *software* de distribuição gratuita, é preciso ter um computador para utilizá-lo, mas também e principalmente

porque os problemas dessas pessoas não se resumem a dificuldades de leitura, escrita ou acesso à informação. Ainda assim, a dose extra de independência que a informática proporciona aos cegos é por eles próprios dita “emocionante” – e podemos compreender facilmente o porquê disso, se pensarmos o quanto, no imaginário ocidental acerca da pessoa, os valores da independência e da autonomia estão intimamente ligados ao conceito do adulto normal, sadio e capaz (Hockey e James, 1993).

Não se pretende defender aqui um equivalente para os cegos de qualquer teoria precipitada e com ares de profecia de fim dos tempos, daquelas que proclamam a substituição definitiva do papel pelo computador – ou, no caso, do braile pelos *softwares* leitores de tela e sintetizadores de voz. Não se pode, entretanto, ignorar o que dizem os “informantes”. O valor emocional desta *aquisição* pode ser medido pelos depoimentos contidos em vários dos relatos *online*. É assim, por exemplo, que a descoberta dos recursos da informática é descrita por este homem de meia-idade, cego há oito anos:

Fiquei emocionado e empolgado (...) parecia um sonho, mas eu estava começando a ter esperanças outra vez! Um jovem (...) forneceu-me um ‘kit Dosvox’ (...) Com a ajuda de amigos adquiri meu micro e quase chorei quando (...) ouvi pela primeira vez ‘Dosvox, o que você deseja?’ Daquele dia em diante minha vida se transformou completamente.

O mesmo tom pode ser percebido nos dizeres desta mulher, portadora de cegueira congênita:

Nunca na minha vida tinha tido acesso a um jornal. Ouvia o noticiário de televisão e de rádio. A partir da Internet, através do Dosvox, eu tive a primeira experiência com jornal, confesso que fiquei muito emocionada, chorei quando percebi o jornal na minha tela.

Uma outra mulher, que usa, além do sistema braile, a máquina de escrever, nos conta:

Erros nem sempre são percebidos por um datilógrafo cego durante a redação. Ele depende do olhar de outra pessoa que nem sempre estará presente para prevenir lapsos e enganos irrecuperáveis. Já datilografei linhas e páginas inteiras no branco por não perceber que a fita da máquina havia acabado ou ainda não percebia limites e margens, sobrepondo caracteres, o que tornava o texto incompreensível e meu trabalho redobrado. Além disso tudo, *nem tudo que se escreve é para ser compartilhado*. O computador elimina estes transtornos, além de economizar tempo e papel. (*ênfase minha*)

A aparente gratuidade do suporte *internet* para estes arquivamentos de si, portanto, dissolve-se contra o pano de fundo do papel da informática na vida dessas pessoas. Acrescente-se a isso uma característica *sui generis* deste mundo virtual: subvertendo a classificação de Goffman (1988:92), a internet apresenta-se, para os cegos – ou, mais amplamente, para qualquer um que se enquadre na categoria de *estigmatizado* –, como um lugar dotado, simultaneamente, das vantagens do *lugar retirado* e do *lugar público*. Converte-se, assim, em um convite a abandonar a atitude *acobertadora* que Goffman (*op.cit.*:113) identifica como predominante entre os *desacreditados* socialmente, cedendo lugar a um *sincero* (Calligaris, 1998) falar de si. E aqui o par *sinceridade/veracidade*, tomado de empréstimo a Calligaris (*op.cit.*: 47), talvez constitua-se em chave interessante para uma abordagem possível da sempre mencionada característica desse universo virtual, a de permitir como nenhum outro que se assumia identidades diversas, dada a *invisibilidade* em que todos ali se encontram. A questão de precisar a *veracidade* dos relatos aqui analisados já nasce insolúvel e devemos mesmo nos perguntar sobre sua validade, e isto por vários motivos. Parece-me improvável que seus autores se digam cegos e não o sejam. Primeiro, porque seria uma espécie de “contra-senso”, se considerarmos que as “mentiras virtuais” costumam ser postas a serviço do pintar de uma imagem de si mais atraente, e não o contrário – e a cegueira não está entre as características culturalmente concebidas como um dos componentes do padrão de beleza. Segundo, porque as páginas estão recheadas, como que para atestar a *veracidade* do relato, de fotografias de seu suposto autor cego, em momentos diversos de sua trajetória de vida. Mas, em se tratando desta questão, parece-me que nem mesmos tais argumentos são necessários, simplesmente porque, como Calligaris, penso que *mesmo possíveis “mentiras” estariam a serviço do forjar de si e seriam, neste sentido, sinceras ainda que não necessariamente verdadeiras*. O narrar do eu não equivale a uma “mera metalinguagem da vida” (*op.cit.*: 49-51); ao contrário, explica-se muito mais densamente se tomado como um *ato performativo*, no sentido que Austin confere ao termo.

(...) a verdade do ato autobiográfico (...) evidentemente não pode ser julgada no tribunal da verdade factual. Omissões, acréscimos, remanejamentos são peças do *puzzle* do sujeito em momento do seu *fieri*. (...) vale a idéia de Lacan de que a verdade está em uma linha de ficção. Sob a condição de entender que ficcionalizar a própria vida é o jeito ocidental moderno de orientá-la e reorientá-la (*op.cit.*: 53).

O ambiente de invisibilidade da internet permite aos cegos *deliberadamente* não ver – posto que tampouco são vistos. Toma, assim, contornos libertadores. Aqui, diferentemente do mundo dito “real”, essas pessoas deixam de *ser* cegas para, simplesmente, *ter* cegueira. Ao dispensar o contato face-a-face, o meio virtual exclui o

efeito descrito por Le Breton (1992: 93-96) que faz com que, nas interações diretas, a deficiência – ao quebrar a “sagrada” regra de que o corpo deve passar despercebido, diluído nas regras de etiqueta –, apareça antes da pessoa e praticamente a encubra, impedindo-a de *ser*. Somente uma de suas características – a *anomalia* que salta aos olhos do interlocutor – passa a ser definidora de toda sua existência. Isentos, no mundo virtual, de uma tal imposição, os cegos-narradores descobrem-se, de repente, livres para revelar todo o seu *ser* – e, vale repetir, pouco importa se o fazem ou não através de “mentiras”, pois ainda assim procedem a um *sincero* “arrumar-se”.

Os relatos que compõem o *corpus* deste trabalho são muito heterogêneos. Alguns, quando impressos, não chegam a ocupar uma página completa; outros, consomem mais de cinquenta. Alguns encaixam-se adequadamente na definição de “perfil” ou “auto-retrato”, enquanto outros bem poderiam ser tomados como densas autobiografias. E as diferenças vão muito além do formato ou da extensão dos relatos. Os *autores* – e a idéia de autoria é aqui fundamental, posto que todos referem-se a si próprios como tais – destas narrativas de si parecem ter pouco em comum além da cegueira. São pessoas que vivem em países diferentes, trabalham em áreas diferentes, divertem-se em lugares diferentes, têm gostos, preferências e filosofias de vida diferentes. Suas idades também variam enormemente – e, com elas, a posição de cada um dos narradores em seus respectivos ciclos de vida. Se é possível identificar uma predominância – a de adolescentes do sexo masculino –, esta não invalida a percepção de quem se debruça pela primeira vez sobre este material, a de que este fala de pessoas que se concebem como *indivíduos* que, combinando o comum e o igual de um modo particular e específico, se fazem *únicos*. E, mesmo que se possa atribuir este efeito a uma *ilusão individualista* isto não pode ser usado como argumento para negar que tais pessoas sejam de fato únicas, porque, como outras ilusões sociais, esta também tem sua *eficácia simbólica e prática*.

A maioria dos relatos, talvez por esta razão, é narrada na primeira pessoa do singular<sup>5</sup> e se inicia, via de regra, pela menção do nome completo (e, muitas vezes, também do apelido) do *autor*. O nome, elemento que informa as fronteiras daquilo que em nossas sociedades constitui o indivíduo, é o que há de mais constante e durável nesta entidade a que chamamos “eu”. Através da nomenclatura, funda-se a identidade social e, no mesmo movimento, assegura-se ao indivíduo “uma constância através dos tempos e uma unidade através do espaço social” (Bourdieu, 1986: 70).

Dito isto, acompanhar quais são os personagens nominados nos relatos aqui analisados parece ser tarefa relevante. E eis que, neste aspecto, os relatos assemelham-se consideravelmente. Nota-se sem muito esforço que pais, avós e parentes, quando mencionados, raramente são nominados, enquanto cônjuges, filhos, amigos, vizinhos, professores, colegas de trabalho e cães-guia, com seus respectivos nomes, estão amplamente presentes em quase todos os relatos. Evidência da ideologia da *aquisição*, esta escolha também pode ser tomada como parte de um procedi-

mento de *escondimento* da família extensa. Totalmente eclipsada ou recebendo referências sumárias nos relatos de si, a família extensa – ou mesmo a “família mínima” de origem de um sujeito – perde espaço para a menção dos elementos que compõem sua identidade pessoal *adquirida*: a família mínima que ele próprio funda ao casar-se e ter filhos, a profissão e o trabalho, os amigos e conhecidos. E isto porque a construção do sentimento de identidade pessoal passa, necessariamente, por algum nível de “inautenticidade”, de *escondimento* de si para si mesmo e, principalmente, para os outros (Dias Duarte, *com. pess.*, 2000).

O esporte é, também, um ingrediente recorrente nos relatos analisados. Encarado como um “desafio” por esses cegos, o esporte converte-se em um meio privilegiado para a demonstração de que é possível “vencer na vida” a despeito de toda e qualquer adversidade. É particularmente significativa a escolha do veículo “esporte” para tal mensagem, posto que, sendo esta uma atividade que testa os limites do físico, serve melhor que qualquer outra ao objetivo de *provar* que uma “deficiência física” como a cegueira pode ser superada. É assim que, do *goalball* – um esporte especialmente criado para cegos – à natação, do mergulho à aviação, passando por diversos tipos de lutas e artes marciais, muitos dos cegos-narradores revelam-se esportistas mais hábeis que a maioria dos “videntes” – através do esporte, portanto, não apenas se alçariam à “normalidade”, mas mesmo a ultrapassariam. Mais uma vez, pode-se identificar sem dificuldade a atuação da ideologia da aquisição transformando tais conquistas esportivas em motivo de orgulho e de valor. Dizem alguns dos cegos esportistas:

Eu acredito no potencial que todos nós temos de ser o que podemos ser.

Eu quero ser alguém e, sim, claro, eu quero ser um sucesso.

Minha mãe sempre me dizia para “chutar para as estrelas” e nunca deixar ninguém me dizer o que eu não podia alcançar. (*traduções minhas*)

Nos relatos aqui analisados é possível, ainda, perceber o peso do investimento ocidental no trabalho como um valor, tomado simultaneamente como um meio de ascensão a novos e crescentes patamares de identidade e como um *fazer* através do qual é dado ao sujeito imprimir sua marca no mundo. É assim, por exemplo, que na maioria dos relatos um espaço considerável é dedicado à recapitulação da trajetória profissional do *autor* – passando, em muitos casos, por uma extensa rememoração dos anos escolares e pela enumeração dos títulos recebidos. A tensão, entretanto, entre a agência e a determinação, é aqui bastante proeminente. São recorrentes frases como “Agradeço a Deus, meu criador, por todas as bênçãos da minha vida”, convivendo lado a lado com outras sentenças nas quais se enumeram as conquistas



e aquisições do *autor*, por ele mesmo creditadas ao seu próprio esforço e nada mais. Para lidar com a maior de todas as atribuições, a cegueira, não raro se apela para uma entidade encompassadora, um Deus ou a sorte, descortinando um discurso no qual é afirmada a boa ventura do sujeito, a despeito de todo o sofrimento que a vida lhe impôs. Citar um exemplo contundente:

Fui um bebê prematuro nascido 12 semanas mais cedo. Isto significa que meu coração e meus pulmões não estavam desenvolvidos adequadamente. Por causa disso, eu recebi oxigênio através de um pequeno tubo que o levava diretamente aos meus pulmões. Infelizmente, eu recebi oxigênio puro demais e isto danificou minha visão. Mas e daí? Eu continuo aqui agora e devo estar conseguindo administrar tudo muito bem, já que você está lendo esta página. Certo? Realmente, eu sou extremamente sortudo! Eu poderia ter morrido facilmente! E, de qualquer forma, me diga o que é tão ruim em não ser capaz de enxergar? (*tradução minha*)

Um outro recurso é freqüentemente acionado para minimizar o sofrimento por que se passou e para afirmar a capacidade de resistência do sujeito às adversidades que teve (e tem) de enfrentar: o humor. É assim, por exemplo, que após uma séria, dolorida e ressentida exposição de seus percalços, um dos cegos-narradores afirma: “Hoje, como eu digo às pessoas, eu vejo tão bem da parte de trás da minha cabeça quanto eu o faço da parte da frente” (*tradução minha*). E, após enumerar os componentes de sua família – a mulher, a filha de 14 anos, os três cachorros e o gato –, prossegue: “Considerando que um dos cachorros é monocular, eu sou o único da família com uma deficiência visual severa” (*tradução minha*).

Portanto, mesmo sendo configurados a partir de uma *poética da experiência* característica do sujeito moderno (Calligaris, 1998: 51), esses relatos, promoções da individualidade que são, não excluem as semelhanças – nem o poderiam, posto que é na tensão com o tornar-se igual que o tornar-se único se produz. E mais: seria ingenuidade pensar que tais semelhanças restringem-se aos relatos de outros cegos ou “deficientes”; a orientação destas narrativas de si é, em quase tudo, a mesma que se faz presente entre os “videntes”. E, se “compor uma imagem para os outros está se tornando a poética ordinária do sujeito moderno” (*op.cit.*: 54), com os cegos não é diferente, mesmo que eles próprios vivam em um mundo privado de imagens. Contra o pano de fundo deste “registro da celebridade” que, segundo Calligaris (*ibid.*), orienta o “dizer-se” do sujeito contemporâneo, dissolve-se o caráter aparentemente exótico destes *sites* pessoais, relatos públicos da intimidade. Também por esta via pode-se oferecer uma explicação satisfatória para a presença de fotografias nas *homepages* de pessoas cegas: a tirania da imagem exerce seu poder, mesmo entre os que não a podem ver. Atualizado neste novo suporte, a internet, o álbum de

família pode, aqui também, ser tomado como uma tentativa de “inscrição na normalidade”, como uma “garantia de transparência, passaporte de sinceridade e prova de ajustamento” (Artières, 1998: 14). É por isso, talvez, que as fotos escolhidas para compor o álbum *online*, diversas que são, têm um fio condutor comum: ou são da família adquirida, dos filhos pequenos (“saudáveis” e “normais”), ou são dos amigos (aí incluídos, pelos próprios narradores, os cães-guia) ou, ainda, no caso de pessoas que ficaram cegas recentemente, são da época em que ainda enxergavam. Em todos os casos, trata-se de oferecer um documento, uma prova, de que o estigma não os impediu de levar uma vida normal.

Embora alguns dos *sites* analisados contenham apenas texto, sem formatação, ícones ou cores – itens que seus *autores* não podem ver –, a maioria deles é tão recheada destes elementos quanto costumam ser as *homepages* de “videntes”. Além destes recursos visuais, há uma profusão de elementos sonoros: músicas de fundo, expressões como “*uh-hu!*”, “*uau!*”, “*oops*” a cada clique do *mouse*, estações de rádio amador e mesmo longas mensagens de voz nas quais o *autor* se dirige, reflexivo, a seus leitores. Uma explicação possível para esta patente preocupação em adornar o que poderia ser apenas um texto corrido com abundantes elementos visuais e sonoros nos é fornecida pelos próprios cegos-narradores: (um deles diz) “Estou tentando trazer o máximo de pessoas que eu puder para o meu *website*”; (um outro diz) “Você gostou deste *site*? Caso positivo, conte a um amigo sobre ele” (*traduções minhas*). Bem entendida, eis a mensagem: *eles querem ser lidos*. O relato tem, portanto, de ser convidativo. Tem de oferecer ao leitor alguns atrativos que o mantenham ali, inibindo-lhe um possível impulso de abandonar o texto para prosseguir *surfando* em *sites* mais “interessantes”.<sup>6</sup> É assim, portanto, que aos leitores “videntes” são oferecidos fartos recursos visuais, na mesma medida em que o são os sonoros para os leitores cegos. Deste modo, pode-se dizer que o arquivamento de si aí produzido é *dialógico* – pressupõe o leitor e, mesmo, o deseja. É por isso que, não raro, os relatos começam com um “obrigado por perder seu tempo lendo mais sobre mim” – em uma demonstração quase incômoda de sujeição ao olhar do outro que revela, também, um pouco da angústia pela quase ausência de *escuta*, mesclada ao medo de ser punido pelo que se diz ou de se expor a mal-entendidos.<sup>7</sup>

Percebe-se, pois, como – em vários sentidos e por muitos motivos – a internet é o meio eleito por esses cegos para narrar-se e, deste modo, construir uma *imagem* de si. Imagem esta que é, mesmo que não apenas, um fenômeno produzido em referência aos outros, posto que é negociada e transformada *relacionalmente*. E a internet funciona aqui como o veículo eleito para o estabelecimento desse diálogo, dada sua capacidade de viabilizar o ingresso dos cegos no mundo da cultura letrada isentando-os, no mesmo movimento, do peso de surgirem de imediato para seus interlocutores como cegos e nada mais. Confeccionados, como todos os outros, levando em conta os critérios de aceitabilidade, admissibilidade e credibilidade

(Pollak, 1992: 204), esses relatos de si funcionam para seus autores como um meio através do qual lhes é possível proceder ao árduo mas necessário trabalho de *enquadramento da memória*. (*op.cit.*: 206) É assim, portanto, que, como é preciso encerrar de alguma forma, talvez eu possa fazê-lo, sem medo de parecer simplista, citando este trecho de Anais Nin (*apud* Calligaris, 1998: 51):

Começando um diário, já concordava com a idéia de que a vida seria mais suportável se eu a olhasse como uma aventura ou um conto. Eu me contaria a história de uma vida, e isso transmuta em aventura os percalços que nos sacodem.

Fernanda Eugenio  
Doutoranda em Antropologia Social pelo Museu Nacional – UFRJ

### Notas

\* Este artigo é uma versão revista e ampliada do trabalho final do curso Construção Social da Pessoa, ministrado pelo Prof. Dr. Luiz Fernando Dias Duarte no 2º semestre de 2000 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional – UFRJ. Sob o mesmo título, foi apresentado na 23ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, realizada em Gramado (RS), em junho de 2002. A autora agradece os comentários e a colaboração dos professores Luiz Fernando Dias Duarte e Everardo Rocha e dedica esse artigo a Andre Watson (Filadélfia, EUA), autor de uma das *homepages* aqui analisadas, que de informante converteu-se em grande amigo, primeiro no mundo “virtual” e depois também fora dele.

1. Embora, deve-se dizer, praticamente não fornecesse dados para que se pudesse produzir uma reflexão a respeito da influência do gênero, da posição na fratria e da geração na construção da identidade pessoal dos narradores.

2. E, em muitos momentos, também uma *memória particular e subterrânea*, diferente da oficial, como outras memórias de *excluídos* (Pollak, 1989: 7-8).

3. Tarefa, talvez, particularmente árdua para estes cegos-narradores – principalmente aqueles cuja cegueira não é congênita. Nestes casos, o trabalho de “reconstrução de si”, através do qual “o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros”, é prejudicado pela “dificuldade de estabelecer coerência e continuidade em vidas marcadas por traumatismos” (Pollak, 1989: 13).

4. A escolha, pelos “videntes”, deste e não de outro suporte para suas narrativas de si certamente não é gratuita, mas não cabe aqui especular seus motivos.

5. Alguns se utilizam também da terceira pessoa do singular, no que Artières chama de “neutralização do eu autobiográfico” (1998: 28). Este recurso, que transforma opiniões pessoais em “constatações gerais transmutáveis” (*ibid.*), reforça a intenção, já mencionada aqui, comum à maioria dos autores de tais relatos: a de, oferecendo-se como *exemplos* de trajetórias de sucesso, *didaticamente* mostrar a intransigência e injustiça do *estigma* que lhes imputa a sociedade.

6. A noção de “interesse”, por si só, já valeria uma reflexão.

7. Os mesmos sentimentos que, guardadas as devidas proporções, marcam os relatos de sobreviventes de campos de concentração recolhidos por Pollak (1989: 8).

### **Referências bibliográficas**

ARTIÈRES, Phillippe. “Arquivar a própria vida”. In: *Estudos Históricos*, vol. 11, nº 21. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

BOURDIEU, Pierre. “L’illusion biographique”. In: *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 1986.

CALLIGARIS, Contardo. “Verdades autobiográficas e diários íntimos”. In: *Estudos Históricos*, vol. 11, nº 21. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano 1. Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 2000.

DIAS DUARTE, Luiz Fernando. Curso *Construção Social da Pessoa*. PPGAS/MN/UFRJ, 2º semestre de 2000.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

GOFFMAN, Erving. *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 1988.

\_\_\_\_\_. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1995.

HOCKEY, Jenny e JAMES, Allison. *Growing up and growing old. Ageing and dependency in the life course*. London / Newbury Park / New Delhi: Sage Publications, 1993.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”. In: *Estudos Históricos*, vol. 2, nº 3. Rio de Janeiro: FGV, 1989.

\_\_\_\_\_. “Memória e identidade social”. In: *Estudos Históricos*, vol. 5, nº 10. Rio de Janeiro: FGV, 1992.

RIBEIRO, Renato Janine. “Memórias de si ou...”. In: *Estudos Históricos*, vol. 11, nº 21. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

### **Endereços eletrônicos em ordem alfabética**

Elos:

<http://nav.webring.yahoo.com/>

Dosvox:

<http://caec.nce.ufrj.br/~dosvox/>

Páginas pessoais:

Adjustment to blindness and visual impairment – <http://falcon.creighton.edu/vip/>

Andy Barnes Simulations – <http://www.rnib.org.uk/abarnes.htm/>

A-Z to Deafblindness – <http://www.deafblind.com/>

Bengala Legal! – [http://www.geocities.com/bengala\\_legal/](http://www.geocities.com/bengala_legal/)

Bill’s Home Page – <http://www.billsparks.org/>

Bob Stoker’s Words & Pictures Book – <http://www.internetlink.co.uk/bobsbook.htm>

Caroline's Web Page – <http://www.ticonnet/~ccongdon/>  
Chloe's Home Page – <http://www.angelfire.com/hi3/chloe/>  
Darren Paskell Online! – <http://www.djp-online.co.uk/>  
Doughboy's Dynamic Domain – <http://www.netax.com/~doughboy/>  
Escuro Iluminado! – <http://www.geocities.com/heartland/1276/>  
Home Page of Adrian Higginbotham – <http://homepage.ntlworld.com/adrianhigg/>  
Chris's World of Links – <http://www4.tpgi.com.au/users/chrisba/>  
Jason's Home Page – <http://users.us-it.net/jasong/>  
Kelly Sapergia's Home Page – <http://members.nbci.com/ksapergia/index.html/>  
Nicki's Home on the Web – <http://home.earthlink.net/~nycki96/>  
Nick's World – <http://www.worldnick.co.uk/>  
Site do Manico – <http://dataworld.com.br/pessoais/manico/>  
Tom Lorrimer's Home Page – <http://www.whitestick.co.uk/>

### **Resumo**

Reflexão acerca dos relatos de si em *homepages* de pessoas cegas, com intenção de compreender como os “cegos-narradores” constroem suas identidades pessoais, em meio a um complexo jogo de atribuições e aquisições. Os relatos dão conta de que a escolha da internet como veículo liga-se principalmente ao valor *emocional* assumido pelo recurso à informática na vida dessas pessoas. Através de *softwares* especiais, o mundo do letramento abre-se para o cego de modo mais intenso que no caso do braille. Tais narrativas de si, como outras “ilusões biográficas”, relatam “histórias de sucesso” de pessoas que, combinando o comum e o igual de modo particular e específico, se fizeram únicas. São histórias que se debatem entre determinação e agência, nas quais procura-se digerir e inventar sentido para dolorosas experiências, procedendo ao árduo mas necessário trabalho de enquadramento da memória.

### **Palavras-chave**

Construção de si, pessoa, narrativa, cegueira, internet.

### **Abstract**

This is an analysis of self reports in blind people's homepages, trying to understand how the “blind-narrators” build their personal identities, within a complex web of attributions and acquisitions. The reports themselves make clear that the choice of internet as their vehicle is mainly related to the emotional value assumed by the computer and its facilities for blind people. Using special software, blind people can enjoy their access to the world of literacy more intensely than with the braille system. These self reports, like some other “biographic illusions”, relate “successful stories” of people who became unique combining conventional means in a particular and specific way. Construed between determination and agency, these stories function as a means to comprehend and give sense to painful experiences, organizing memory.

### **Key-words**

Self, personhood, narrative, blindness, internet.